



VI_Número 1. 2022

RELATÓRIO DE WEBINAR

Soberania e Clima: conexões e diálogos para convergir

26 de Julho de 2022

FICHA INSTITUCIONAL

Diretor Presidente

Raul Jungmann

Conselho de administração

Marcelo Furtado

Raul Jungmann

Sergio Westphalen Etchegoyen

Presidente do Conselho

de Administração

Sergio Westphalen Etchegoyen

Diretor Administrativo Financeiro

Newton Raulino

Núcleo de Pesquisa e Conteúdo

Mariana Nascimento Plum

Bruna Ferreira

Mila Campbell

Núcleo de Relações Institucionais

Felipe Sampaio

Núcleo de Inteligência e Informação

Antônio Augusto Muniz

Núcleo Técnico

José Hugo Volkmer

Núcleo Jurídico

Gabriel Sampaio

Assistente Administrativo Financeiro

Leandra Barra

Revisão

Mariana Nascimento Plum

Bruna Ferreira

Mila Campbell

Projeto Gráfico e Diagramação

Pedro Bopp

Relatório de Webinar.

V1. N° 1. 2022

Soberania e Clima: conexões e diálogos para convergir

15p.

Palavras chave: 1. Soberania 2. Clima 3. Convergências 4. Diálogo

SOBRE O EVENTO

Webinar Soberania e Clima:
Conexões e Diálogos para Convergir
Realizado em 26 de Julho de 2022

Disponível em
<https://youtu.be/itNtxueCors>

Participantes

Ana Toni, Instituto Clima e Sociedade
Raul Jungmann, Centro Soberania e Clima
Sergio Etchegoyen, Centro Soberania e Clima
Marcelo Furtado, Centro Soberania e Clima

Moderação

Ricardo Gandour

Currículos dos participantes



Ana Toni é economista e doutora em ciência política, foi presidente do conselho do *Greenpeace* Internacional, de 2011 a 2017, dirigiu a Fundação Ford no Brasil, de 2003 a 2011 e a *ActionAid* Brasil, também de 98 a 2003.



Raul Jungmann foi Ministro da Defesa de 2016 a 2018 e da Segurança Pública em 2018. Foi presidente do IBAMA em 95, do INCRA de 96 a 99 e também Ministro da Reforma Agrária, de 99 a 2002. Além disso, serviu como deputado federal e vereador em Recife. É um dos fundadores do Centro Soberania e Clima e hoje atua como presidente do Centro.



Sergio Etchegoyen é General de Exército da reserva. Foi Ministro-chefe do gabinete de Segurança Institucional da Presidência da República e chefe do Estado-Maior do Exército. Sergio Etchegoyen é presidente do conselho de Administração do Centro Soberania e Clima.



Marcelo Furtado é cofundador do Centro Soberania e Clima e diretor do *Finance for Biodiversity Initiative*. Foi diretor executivo do *Greenpeace* Brasil, entre 2008 e 2013; diretor de campanhas do *Greenpeace* Brasil para floresta, clima, energia e poluição industrial, de 2005 a 2008.



Ricardo Gandour é jornalista e engenheiro, consultor em estratégia de comunicação. Dirigiu as redações de "O Estado de S.Paulo", Rádio CBN e "Diário de S.Paulo". Foi *visiting scholar* na *Columbia Journalism School*. É professor de jornalismo na ESPM. Membro do conselho editorial do Grupo RBS. Membro dos conselhos consultivos do Instituto Palavra Aberta, do *Columbia Global Center Brazil* e Instituto TornaVoz. Autor de "Jornalismo em Retração, Poder em Expansão - A segunda morte da opinião pública" (Summus Editorial).

Introdução

No dia 26 de julho de 2022, o Centro Soberania e Clima promoveu o *Webinar* “Soberania e Clima: conexões e diálogos para convergir”. O evento marcou o lançamento do Centro, um *think tank* independente que busca promover diálogo, conexões e convergências entre atores ligados às áreas de defesa e segurança e de meio ambiente e desenvolvimento sustentável.

Nesse webinar, o Centro contou com a participação de Ana Toni, diretora do Instituto Clima e Sociedade, Raul Jungmann, presidente do Centro Soberania e Clima, Sergio Etchegoyen, presidente do Conselho de Administração do Centro Soberania e Clima, e Marcelo Furtado, membro do Conselho de Administração do Centro Soberania e Clima. A moderação ficou por conta do jornalista Ricardo Gandour.

O evento também marcou o lançamento do *White Paper* “Conexões e Diálogos para Convergir”. O documento é resultado de reflexões colhidas em 20 webinars organizados pelo Centro em 2021 e que contou com a participação de mais de 50 palestrantes de diferentes áreas de atuação.

Os participantes discutiram a relação entre os temas de Soberania e Clima, a importância de tratar essas temáticas de maneira associada e de buscar convergências entre os diversos atores envolvidos. Foram debatidas também quais as contribuições o Centro pretende dar para a superação dos desafios que se impõem aos cidadãos, à sociedade e ao mundo advindos da crise climática.

RELATÓRIO DE WEBINAR

Soberania e Clima: conexões e diálogos para convergir

26 de Julho de 2022

ABERTURA

Ricardo Gandour. Olá, boa tarde a todos e a todas. Este é o lançamento oficial do Centro Soberania e Clima. Eu queria dar um pontapé inicial lendo os dois parágrafos iniciais do *White Paper* “Conexões e Diálogos para Convergir”, documento que sustenta e que embasa os conceitos do lançamento do Centro e que está disponível em soberaniaclima.org.br.

Diz o documento:

“a competição por recursos naturais, o estresse hídrico, a insegurança alimentar, as dependências energéticas, as novas ondas migratórias e a elevação dos níveis do mar são exemplos de ameaças à paz social e à soberania territorial de diversos países. Têm relação e podem ser agravadas pela crise climática. Enquanto o clima não está sujeito a limites territoriais, as nações precisam enfrentar os desafios de escala planetária em suas localidades. A missão do Centro Soberania e Clima é fomentar, consolidar e produzir convergências, entre os interesses das áreas da soberania e do desenvolvimento sustentável, para a elaboração de uma estratégia nacional, com o objetivo de enfrentar as mudanças climáticas e garantir um futuro próspero, justo e sustentável para o Brasil” (Soberania e Clima, 2022, p. 4).

Com esses parágrafos iniciais, que norteiam a atuação do Centro Soberania e Clima, eu passarei a palavra para Raul Jungmann, presidente do Centro Soberania e Clima, para iniciar esse lançamento.

APRESENTAÇÕES

Raul Jungmann. Muito obrigado Ricardo Gandour. Eu queria inicialmente dar as minhas boas-vindas a todas e a todos os que nos assistem neste lançamento do Centro Soberania e Clima. Eu queria dizer a vocês que esse momento para nós é de suma importância. Por duas razões principais. Em primeiro lugar, porque nós estamos aqui a tratar de dois assuntos que têm tudo a ver com o mundo que nós estamos vivendo, com o mundo do futuro e sobretudo com cada um e todos nós. Sem aqui expressar uma ambição excessiva, mas a verdade é que o tema da crise climática associada à soberania tem tudo a ver com o futuro da humanidade, com o futuro de todos nós, nossos filhos, nossos netos. Das atuais e futuras gerações, por razões que eu vou aqui elencar. Em primeiro lugar, nós sabemos que nós vivemos, na atualidade, uma crise climática que tem criado riscos, que tem criado possibilidades negativas, que tem introduzido no dia a dia de todos nós, mundo afora, a questão de que as mudanças provocadas pelo homem, sobretudo através da produção de gases, de dióxido, monóxido de carbono, e que têm, digamos assim, trazido a possibilidade de que nós tenhamos processos, de que nós tenhamos situações limite, que afetam a todos os países e que afetam a todos nós.

A isso se denomina de crise climática e ela é urgente. Ela precisa de fato ser enfrentada por todos, nações, pessoas, comunidades, como alvo da maior importância. Associado ao tema da crise climática, nós temos o tema da soberania. E por que se associa a soberania à crise climática? Por duas razões: em primeiro lugar, porque a soberania está relacionada aos países, às nações. Costuma-se dizer que a soberania é um poder que não admite nenhum poder acima e nenhum poder abaixo. Então fica lógico e fica claro para todos nós que, se o nosso futuro, o futuro da humanidade está indissociavelmente ligado a como resolver a crise climática, fica claro o papel da soberania, que é a certidão de nascimento daquilo que nós denominamos de Estado-Nação. Então, há uma convergência, há uma confluência, muitas vezes não reconhecida, mas urgente e necessária, de que haja um diálogo entre os temas referentes à crise climática e aqueles temas que estão ligados à soberania, que estão ligados ao território, à gestão do Estado e ao poder do Estado sobre o território.

Então eu diria que o surgimento, a ambição primeira do Soberania e Clima é exatamente fazer uma convergência. Trazer para a arena pública o debate daqueles que estão relacionados à soberania, com destaque, dentro outros, é claro, para a defesa nacional, para os militares e também aqueles que estão relacionados mais diretamente à questão da crise climática, do qual fazem parte não só a sociedade como um todo, mas também aqueles que são reconhecidos como ambientalistas, como ecologistas. E também aqueles que têm grandes preocupações sociais.

É dessa ambição, é dessa convergência, que surge a ideia do Soberania e Clima. E é por isso que nós estamos aqui fazendo esse lançamento inicial e esperando contar com a sua participação, com a sua audiência e sobretudo com a sua contribuição, para que o Soberania e Clima possa ir caminhando e trazendo alternativas, propostas, inclusive de políticas públicas, que permitam uma contribuição tanto da soberania para o clima, e do clima em termos da soberania. Entendendo que o papel do Estado é fundamental para a crise climática, assim como o reconhecimento de que a crise climática afeta a todos indistintamente, estados, nações e comunidades, e que devemos encontrar soluções e produzir políticas públicas que nos levem a sobretudo superar este que é o maior desafio que nós já enfrentamos em toda a história humana.

Essa é a ambição do Soberania e Clima. E aqui estamos para prestar contas, para falar dos nossos objetivos, para falar dos nossos sonhos. E contamos que você participe, que você sonhe esse sonho de uma sociedade mais justa, de um futuro para os nossos filhos, porque de fato nós não podemos negar às futuras gerações um mundo com a natureza que não seja pelo menos igual àquele que nós recebemos.

Ricardo Gandour. Obrigado, Ministro Jungmann. General Sergio Etchegoyen, por gentileza, as suas palavras iniciais.

Sergio Etchegoyen. Bom, muito obrigado. E obviamente que inicio por saudar aqueles que me acompanham nessa jornada, a doutora Ana Toni, o Ministro Jungmann e estimado amigo, Marcelo. É um trio com quem eu passo a me relacionar muito recentemente e que identifico a convergência pelo melhor interesse do nosso país, da nossa sociedade. Eu acho que essa é a glória, a coisa mais preciosa que nós temos no Centro. Soberania é um elemento indispensável para o exercício da preservação ambiental. É isso o que me atraiu, que me cativou e que me convenceu a participar desse desafio.

É impossível o Estado, qualquer Estado, o brasileiro ou qualquer outro, preservar, estabelecer políticas públicas relativas ao meio ambiente, à prosperidade, ao desenvolvimento social, economia e tudo mais, sem que ele tenha a capacidade de implantá-las e fiscalizá-las. E isso exige que o Estado, muito além da discussão pobre entre Estado maior ou menor, exige que nós tenhamos um Estado capaz de prover aquilo que a sociedade espera em qualquer dessas áreas. E isso é a soberania. Soberania é a capacidade que o Estado tem de preservar o seu patrimônio, obviamente. Mas é também a capacidade que ele tem de prover à sociedade, de acordo com os seus interesses e estimular ou, enfim, promover e, no caso brasileiro, com uma responsabilidade enorme que chega até nós, de posicionar o país no cenário internacional.

Nós temos muito orgulho, por exemplo, de dizer, que alimentamos 20% da população mundial, a cada cinco pratos do mundo, um prato é brasileiro. Isso é um orgulho, é um patrimônio. Mas é muito mais uma responsabilidade. Ou seja, nós não podemos recuar dessa responsabilidade,

particularmente no momento em que o mundo discute, a imprensa internacional, com os analistas, com os articulistas, discute e anuncia um eventual momento de escassez de alimentos. Como fazer isso? Como preservar o nosso meio ambiente, como preservar o nosso interesse na preservação do nosso patrimônio ambiental e, ao mesmo tempo, coincidir ou interpretar e atuar dentro dos limites, dentro do nosso interesse, de acordo com a nossa soberania sem esquecer que soberania é o primeiro conceito que vem escrito na nossa Constituição. Lá no artigo primeiro, quando a Constituição estabelece os fundamentos do Estado brasileiro, o primeiro fundamento é a soberania. Então, obviamente que é uma escolha compreensível do Constituinte porque não haveria nenhuma razão para redigir uma Constituição sem que aquilo não significasse a capacidade de implementar, ou seja, a soberania de um povo que escolhe um caminho, um novo modelo constitucional, uma nova Constituição.

Esses dois vetores, o nosso interesse nacional, o interesse da nossa coletividade, dentre eles o que nós estamos tratando e reforçando e sublinhando hoje, o interesse da preservação ambiental, do crescimento sustentável e o vetor soberania não podem ser concorrentes, eles têm que ser complementares. E produzir a resultante que seja possível e que atenda, considerados os dois vetores, o melhor interesse nosso. Óbvio, que a soberania não pode bloquear o diálogo. Pelo contrário, ela será a grande ferramenta para o nosso posicionamento internacional, para o exercício do papel do Estado aqui dentro e para a nossa relação com as demais nações. É muito simples compreender e a gente já tratou disso, que os fenômenos climáticos, por exemplo, eles não respeitam fronteiras, não têm a preocupação com a soberania que nós temos. Então não é possível que uma nação sozinha, em um mundo hoje tão interconectado e, principalmente, afetado coletivamente pelas questões ambientais, não tenha a capacidade de se sentar para conversar. De pôr-se de acordo e utilizar as suas soberanias em benefício comum. Não se trata, obviamente, de imaginar que alguém vai perder a soberania, não é isso. Mas encontrar modelos em que essas soberanias possam conversar e trabalhar juntas, operar, integrar-se no combate às consequências, no combate às causas, na mitigação de efeitos e na preservação do meio ambiente.

Esse talvez seja o grande desafio da nossa empreitada. E isso chega no momento particularmente, tanto interna como internacionalmente, particularmente sensível. Internamente em um momento de disputas eleitorais, de polarizações e de discussões que não nos interessam, porque nós não buscamos discussões, buscamos interlocuções e pessoas para debater. Internacionalmente, em um momento em que o mundo que, já do final do século passado, da década de 1990, se multiplicou, se expandiu, fazendo uma analogia com o universo, por exemplo, ou com uma galáxia. Se expandiu, nós temos inúmeras outras nações, inúmeros outros interesses nacionais sobre a mesa, inúmeras. Isso, matematicamente, logicamente produzirá tantos outros conflitos de interesse, não necessariamente mais do que isso, mas conflitos de interesse. Temos novas necessidades, a população mundial vem se expandindo tremendamente e a gente encontra novos atores econômicos ocupando espaços econômicos importantes no mundo: temos China, Índia, Coreia e outros. Esse cenário de expansão provocará a necessidade de que o crescimento que nós precisamos, a prosperidade que nós precisamos, respeitados os nossos interesses, repito, o nosso caso a questão ambiental seja muito bem entendida e tenha um diálogo muito eficaz, produtivo, sincero e aberto com quem trata de soberania. Essa é a mensagem que eu gostaria de deixar, inicialmente. Agradecendo mais uma vez a todos os que nos ouvem. E deixar público a minha, muito mais que a minha satisfação, o meu orgulho de estar nessa tela, nesse mundo virtual, compartilhando esse momento com pessoas dispostas honestamente a esse diálogo, muito além de quaisquer outras questões que poderiam dividir ou não, nós temos todos o mesmo propósito que vai ao encontro dos melhores interesses do nosso país, da nossa população.

Ricardo Gandour. Obrigado, General Sergio Etchegoyen. E eu queria passar agora então a palavra para o Marcelo Furtado.

Marcelo Furtado. Muito obrigado, Gandour. E cumprimento também aqui meus queridos amigos e colegas de painel. E acho que essa formação aqui representa uma arquitetura muito interessante que está no DNA do Soberania e Clima. Quando eu olho para a palavra que nos estimula tanto aqui, que é a palavra diálogo e a palavra convergência, essa busca exige uma oportunidade de você conversar com o outro e, especialmente, conversar com o outro que pensa diferente de você. E talvez a expressão maior disso seja a iniciativa, que foi uma provocação inicial do Ministro Raul Jungmann, de que a sociedade olhasse para essa oportunidade e necessidade de diálogo. Ao

mesmo tempo, precisava buscar um interlocutor, precisava buscar pessoas interessadas em fazer esse diálogo acontecer.

Eu me senti muito honrado de estar perto de uma discussão que a gente começou a travar sobre isso. E particularmente muito feliz de encontrar no General Etchegoyen um representante do mundo da soberania, que também estava interessado em fazer esse diálogo olhando para a prosperidade do país e a solução da crise climática e de natureza que a gente vive. E boas ideias, para acontecerem, elas precisam de implementação e apoio. Então encontrar o apoio para implementar, para aterrissar isso de verdade, no mundo real, com concretude, através do apoio da Ana Toni do ICS e de outros apoiadores que depois se tornaram apoiadores da iniciativa, foi algo igualmente potente. Então a gente está aqui representando essa iniciativa, quando na verdade atrás de nós já temos quase 12 pessoas nos apoiando, seja na área de comunicação, seja na área de construção de conhecimento, seja na área de relação com projetos e a sociedade. Então isso tudo me deixa assim muito feliz de a gente estar aqui fazendo e celebrando essa iniciativa. Nós começamos incubados no IREE – Instituto para Reforma das Relações entre Estado e Empresa, ao qual a gente agradece esse período de incubação. Nós fomos testando esse diálogo, tentando fazer essas aproximações para ver se essa ideia maluca (mas com todo o carinho da palavra maluca), no sentido de pensar algo fora da caixa, ambicioso, novo, que nos leva a fazer conversas especialmente de temas e assuntos que a gente não tinha a prática no país de fazer, testar se isso tinha alguma chance de sucesso. E todos nós preparados para sairmos da nossa zona de conforto, tentar promover isso com a possibilidade de dar certo ou não. Especialmente em um momento em que o Brasil está tão polarizado, que a gente encontra tão pouco diálogo, tão pouca oportunidade para as pessoas ouvirem e se abrirem para conteúdos novos.

Então para nós começou com: o que é o Soberania e Clima? É um espaço que a gente tem que ouvir, entender, respeitar, convergir e impactar. Porque também ficar só na convergência, que bom que a gente concorda com isso e não fazer nada com isso não atende as necessidades que a gente tem. Nem do desafio climático e nem da evolução e da maturidade da soberania que a gente conversa. Seja para o Brasil, seja para o mundo. Então a gente fez uma série de encontros, que estão registrados no *White Paper* “Conexões e Diálogos para Convergir” que agora está no nosso site. Fizemos encontros sobre o que é soberania e o que é que é Amazônia, o que é bioeconomia, o que é justiça climática, o que é clima e segurança, o que é infraestrutura crítica, segurança alimentar. Bem recente, fizemos dois importantes webinars em parceria com a Fundação Fernando Henrique Cardoso e com a Escola de Comando e Estado-Maior do Exército. Então, na hora de fazer essas conversas, o que é que a gente faz, qual é a receita do bolo? Trazemos representantes do mundo climático, que são autoridades, que são experts nessa questão e trazemos representantes do mundo da soberania e colocamos um tema na mesa, com total liberdade para ser abordado, do ponto de vista que o interlocutor achar importante, necessário e alinhado com uma conversa sobre o que o Brasil e o mundo deveriam fazer sobre isso. Em um segundo momento, tentamos identificar nas falas se existiram pontos em comum, que nós chamamos de pontos de convergência. E em um terceiro momento, exploramos a possibilidade de, ao encontrar pontos de convergência, se existe a oportunidade de levar esse ponto de convergência à elaboração de um documento para usar na área de educação para as escolas formadoras de quadros, seja do mundo socioambiental, seja do mundo da soberania, nós estamos com uma atenção particular para levar esse conteúdo para as instituições acadêmicas.

Tentamos encontrar possibilidades de inserção em políticas públicas, que possamos nos unir para trabalhar sobre isso. Ou dialogar com atores do executivo, do legislativo, do judiciário, demonstrando que, talvez, de uma maneira não tão explícita, ou de forma tão conhecida, olha só que interessante como dois mundos, que aparentemente habitam e pensam coisas tão diferentes, podem estar se encontrando. Eu vou usar só dois exemplos para terminar a minha fala, onde eu acho que isso apareceu de maneira muito interessante. Um foi quando nós convidamos a professora Mercedes Bustamante, uma das maiores autoridades do Brasil na área de biodiversidade, para falar um pouco sobre biodiversidade no contexto de infraestrutura crítica. E convidamos para conversar com ela o coronel Bittencourt Barbosa, do Gabinete de Segurança Institucional, que trata do tema segurança estratégica e infraestrutura estratégica do ponto de vista de segurança nacional. E esse diálogo obviamente começa com cada um dizendo como enxerga a infraestrutura crítica. E claro que, para uns são instalações, infraestruturas, que se colapsarem, se deixarem de funcionar, vão colocar o país em risco. Ou a sua matriz energética, a sua mobilidade. E a professora Bustamante lança um conceito de que a Amazônia é uma infraestrutura crítica para o país. Sem a Amazônia

não temos água para a produção de energia elétrica, não temos água para a produção de alimentos, não temos água para abastecer os grandes centros urbanos do país. A Amazônia é uma infraestrutura crítica porque ela faz um controle climático, que havendo uma mudança disso, tem forte impacto nas cadeias produtivas do país. A Amazônia é uma infraestrutura crítica porque ela tem uma riqueza de biodiversidade e de bioeconomia ainda não explorada que é o nosso passaporte para o século 21. Nesse diálogo, o coronel Bittencourt para e fala “olha, esse é um conceito muito interessante, que a gente não havia ainda abordado dessa maneira, estou achando muito interessante essa conversa; não só tenho interesse em nos aprofundarmos nisso, mas entrarei em contato para a gente inclusive conversar um pouco mais; quem são os outros atores que trazem esse conhecimento do campo para a gente poder elaborar isso juntos?”

Pronto, no nosso exemplo, acabou de aparecer uma convergência, que agora poderá tanto se expressar em uma mudança de como o Brasil olha a sua segurança estratégica, como a gente encara esse tema no mundo climático. Então eu encerro mostrando de maneira muito prática o que esses diálogos fortes geraram inúmeras vezes. Eu poderia citar, ainda, o momento em que a advogada da Conectas Direitos Humanos, a Júlia Neiva, conversou com o coronel Medeiros Filho, um militar do Exército brasileiro, sobre justiça climática. E a convergência aparece com os dois concordando sobre a importância de combate à ilegalidade, a importância da geração de emprego e renda para as populações mais vulneráveis, a importância da defesa dos direitos fundamentais. Então na hora que você assiste uma coisa dessa, você fala caramba, quanta oportunidade perdida que a gente precisa rapidamente como país e como sociedade cobrir esse gap, essa defasagem que a gente tem, da grande oportunidade de ao trazer o mundo da soberania e do clima, não só resolver o problema do clima, mas tornar a nossa sociedade uma sociedade melhor. Muito obrigado.

Ricardo Gandour. E eu queria então agora passar a palavra para a Ana Toni.

Ana Toni. Obrigada Gandour, é um prazer imenso estar aqui em um dia tão especial para todos nós. Da minha perspectiva, outro dia eu ouvi uma frase que eu gostei muito, que a sustentabilidade é a única estrada que pode levar o Brasil soberano para o desenvolvimento contemporâneo de baixo carbono e justo. Assim, a sustentabilidade é uma coisa que une a todos e isso é muitíssimo importante. A soberania verde é a cara do Brasil. Ela é a cara do Brasil, porque é o Brasil que nós temos e tanto amamos. Ouvindo o Marcelo e o General Etchegoyen falarem, eu estou meio dividida, porque eu sou do campo da soberania, certamente, com muito orgulho. E também sou do campo climático, então acho que esses campos estão cada vez mais porosos e acho que esse é um pouco do nosso trabalho.

Essa iniciativa, que eu tenho muito orgulho de estar associada e que o ICS está apoiando junto de muitos outros parceiros do Centro, tem logicamente uma coisa muito específica do campo climático. Nós temos milhares de problemas ambientais que têm efeitos locais. No caso de mudanças do clima, a gente está falando não só de efeitos locais, mas também globais. E por isso eles precisam de ações que vão desde as ações que acontecem localmente, mas também pensando nos seus efeitos que terão não só localmente, mas também os efeitos transfronteiriços, porque mudanças do clima não entendem de soberania ou fronteira, elas perpassam essas fronteiras. Então é fundamental esse diálogo entre nós.

Há diversas organizações do Brasil que trabalham o tema de mudanças climáticas, no mundo inteiro, mas o que é tão “novidoso” e maravilhoso deste Centro? Acho que primeiro é a perspectiva de soberania, que eu não chamo nem de campo, mas essa perspectiva que foi trazida desde o começo, de a gente olhar para o tema de clima com essa lente, que é uma lente absolutamente fundamental, entendendo que o tema de clima é também um tema de soberania, de geopolítica. Mudanças do clima vêm mudando as relações de poder no mundo. Vimos agora, por exemplo, nessa guerra da Ucrânia. É um tema que vai ter efeitos na segurança nacional, migrações. Então é um tema de interesse nas áreas de segurança, de risco, como já foi colocado. Então essa é uma lente muito específica que, apesar do campo aqui no Brasil que debate os temas de clima serem tão ricos, a gente achou, com muita humildade, que faltava um espaço cuja ação dessa instituição fosse este olhar para o problema de clima.

O segundo tema que é muito “novidoso” são os atores envolvidos. Porque esse tema normalmente é abordado muito mais pelo campo que lida com mudanças do clima, se fala muito, cada um

tem suas bolhas e há uma tentativa deste instituto de furar as bolhas. E são dois atores que talvez tenham dialogado muito pouco antes. Que são, logicamente, representantes das Forças Armadas e representantes do mundo climático, acadêmicos, todos estão envolvidos, os acadêmicos, o setor privado. E é esse diálogo que precisa ser fortalecido. E isso é muito importante e muito “novidoso” no tema e no campo aqui no Brasil. Não conheço muitas instituições, sei que logicamente dentro das Forças Armadas têm muito diálogo sobre clima, muitos estudos acontecem, dentro, obviamente, no campo climático também se fala muito das Forças Armadas. Mas é um tema, ajudar que essas duas, esses dois tipos de atores se falem e vejam principalmente o que têm em comum é algo realmente muito “novidoso” dessa instituição.

O lançamento do Centro acontece em um momento polarizado no Brasil. E acho que prova a resiliência dos atores que estão aqui presentes, que conseguimos, agora há um ano, manter esse diálogo, um diálogo respeitoso, olhando onde temos coisas em comum, que é o que nos une, que é soberania e clima, exatamente essas duas palavras que nos unem. Então eu vejo um futuro muito próspero para essa instituição. Sabemos que esse caminhar junto nunca é fácil quando a gente conhece pouco os diversos atores. Então eu acho que estamos nos conhecendo cada vez mais e vendo que temos muito em comum. MUITÍSSIMO em comum, como eu falei, tanto da perspectiva de soberania, quanto da perspectiva de clima. Certamente essas duas comunidades vão ter coisas que não concordam, o que é ótimo e absolutamente natural, faz parte desse processo a gente poder discutir. Então eu fico muito feliz que tenhamos agora um espaço para aprofundar esse diálogo, que foi tão comentado por todos, que queremos fomentar um diálogo qualificado, um diálogo sempre tem sido e continuará sendo respeitoso, mas como o Marcelo falou, um diálogo olhando para a ação. Porque eu acho que para todos nós, o tema de mudanças do clima é um tema que nos deixa muito ansiosos, como é que isso vai afetar, no caso, aqui no Brasil, a população brasileira. Como é que vai afetar os nossos direitos como nação? Como é que vai afetar o mundo como um todo? Então temos quase que uma obrigação de olhar para esse tema em ambas as comunidades. Então é uma honra fazer parte, fico muito feliz. Tenho certeza de que o Centro vai poder contribuir MUITÍSSIMO para o posicionamento do Brasil agora nas questões relacionadas às mudanças do clima.

DEBATE

Ricardo Gandour. Obrigado, Ana. Eu vou iniciar o bloco de debates. Ministro Raul Jungmann, como é que uma iniciativa como essa pode produzir convergência? Quer dizer, o Brasil não estaria até mais carente de mais iniciativas como essa em amplos setores? O senhor que militou na política, nos poderes da República? Iniciativas que reúnam áreas distintas por gênese, mas na busca da convergência? Quer dizer, esse não seria um caminho para o país combater a polarização, combater as informações desencontradas e produzir convergência também em outros setores, Ministro?

Raul Jungmann. Gandour, isso é o que nos une. Partindo, por exemplo, do princípio de que não há saída para a crise climática sem soberania. Ou dizendo de outra forma, sem Estado. Sem Estado com capacidade de comando e controle, sem Estado com capacidade de prover o desenvolvimento. Daí que nós consideramos essencial para esse tema, da crise climática, você contar com a soberania e evidentemente com o papel do Estado, como o general Etchegoyen tem sempre destacado.

Nós precisamos de Estado para poder preservar, para poder conservar, para poder desenvolver. Claro que não apenas, nós precisamos também de comunidade, nós precisamos de direitos, precisamos de democracia e precisamos também da sociedade e do capital privado. Mas é ao Estado que cabe, sobretudo, direcionar o rumo para esse desenvolvimento e para esse cuidado que nós precisamos ter com a preservação do meio ambiente. Vale lembrar que, uma liberal como Margaret Thatcher, ela dizia exatamente que entre as funções essenciais do Estado está a preservação do meio ambiente. E isso, sem sombra de dúvida, nos remete também à questão de que não vai existir soberania se nós não enfrentarmos a crise climática. Não há a possibilidade de você pensar em um futuro sem que resolvamos essa questão. Por isso mesmo, nós trabalhamos em um impulso, em um circuito, anti-polarização.

Nós não estamos aqui para ignorar as diferenças, nós não estamos aqui de forma nenhuma refutando, colocando embaixo do tapete as diferenças, as diversas visões que existem. Nós respeitamos e elas são extremamente importantes. O que nós propomos é um ambiente onde se possa convergir. Onde se possa buscar, além da convergência, alinhamentos que gerem políticas públicas que, atendendo o pressuposto da crise climática e da sua resolução, respeitem a soberania,

que é um papel essencial do Estado-Nação. Então nós trabalhamos exatamente no reverso da polarização. Porque a polarização significa exatamente a destituição do outro. Significa que você não vê no outro um oponente, um igual. Você não reconhece a integralidade, a humanidade do outro. Nós trabalhamos exatamente na outra direção. Nós queremos reconhecer a integralidade de quem tem pontos de vista diversos, seja sobre soberania, seja sobre clima, porque nós achamos que esse é o único caminho, como disse o Marcelo e como reconheceu a Ana Toni, para que a gente caminhe rumo ao desenvolvimento sustentável.

Então essa é a nossa visão e, evidentemente que essa visão, ela não vale apenas para a soberania e clima, vale para toda e qualquer área. Porque no processo democrático, como caminha a democracia? A democracia caminha incluindo quem está fora. Essa é a beleza do caminhar democrático. Quem está fora vem, seja através dos seus esforços, da sua luta, para dentro do reconhecimento dos direitos base da democracia. E não pela exclusão. E não pela negação. E não pela lógica de nós contra eles. Isso é exatamente o reverso do que o Soberania e Clima acredita. E nós achamos também, para concluir, que é preciso que haja um reconhecimento daqueles que, como diz o Marcelo, estão no campo exatamente da preocupação da crise climática, do papel da soberania. E haja, da outra parte, no outro polo, daqueles que cuidam da soberania, que se preocupam com a soberania, a visão, digamos assim, reversa, de que a crise climática, se ela não for equacionada e com urgência, e com rapidez, não é só a soberania, é a humanidade que não vai existir. Daí a originalidade, se me permite a presunção, que tem o Soberania e Clima, promover isso, convergência, promover buscas de solução, procurar impactar políticas públicas que, de um lado não desconhecem a soberania e o papel do Estado e, de outra parte, não minimizem, não satanizem, por assim dizer, aquilo que é a questão climática. Só assim é que nós vamos encontrar o caminho do desenvolvimento sustentável. Essa é a ambição do Soberania e Clima. Esse é o nosso propósito. Esse é o nosso caminho. Esse é o nosso objetivo. Muito obrigado. Devolvo a palavra, Gandour.

Ricardo Gandour. Perfeito, Ministro. Obrigado. Rodando aqui a nossa mesa, eu queria ouvir o General Etchegoyen. Eu li nos materiais do Centro a ênfase dada à importância da ciência. O senhor que trilhou uma carreira, tem uma bagagem técnica muito forte, como é que o senhor vê o papel da ciência nessas questões de conectar, convergir e aproximar, e promover o diálogo? O papel do dado científico, do dado técnico, da ciência, General?

Sergio Etchegoyen. É uma questão interessante. Abordar uma outra, um outro, uma outra vertente com a soberania, sobre a qual nós já conversamos em uma live. É sobre a utilização da inteligência na solução das questões ambientais. O papel que a inteligência pode exercer. E a inteligência é a busca de conhecimentos, é a busca, é a coleta de dados, de diversas formas, para que a partir deles se chegue a uma conclusão tida como verdadeira e que embase as decisões que serão tomadas ou que devam ser tomadas. Então quando eu estou me referindo à inteligência, eu não estou me referindo exclusivamente à atividade estatal de inteligência. Mas a necessidade que todos os sistemas têm de buscar dados confiáveis, encontrar saídas factíveis, e conciliar essas coisas em torno de fatos, de verdades e dados confiáveis para todos os decisores e os tomadores de decisão e os assessores, enfim, quem for formular políticas ou sugerir políticas, que é o nosso caso.

Nessa vertente, a ciência é o eixo central. Ou seja, não se faz política pública para tratar, para preservar o meio ambiente, para mitigar efeitos, para prevenir sem ter dados científicos confiáveis, sem ter estruturas que sejam capazes de coletar esses dados e pessoas que tenham a capacidade de processá-los. Porque o processamento e a conclusão sempre serão humanas, por mais máquinas de inteligência artificial que a gente bote nisso. E aí vem uma expressão que coincide no meio militar e no meio ambiental que são as estruturas de comando e controle, ou seja, a capacidade que nós tivermos de controlar o meio ambiente. A capacidade de processar as informações, os dados recolhidos e a oportunidade e acerto com que as decisões forem tomadas. Eu acho que a ciência é o cerne, é o eixo, é o pino central, é o centro de gravidade de todo esse processo decisório e de atuação. Com a coleta, o processamento, a decisão e a ação. Como disse o Marcelo, tem que se fazer alguma coisa com esse patrimônio, agir. Quando a gente tem capacidade e não age, não exerce o poder, é um potencial, aprendemos isso na física lá atrás. Temos a capacidade de fazer, mas não nos atrevemos ao passo seguinte, que é exercer essa capacidade.

E eu acho Ricardo, que ouvindo a exposição do Ministro Jungmann, do Marcelo, da doutora Ana Toni, nós vivemos em um momento, eu repito, particularmente sensível. São muitos eventos coincidindo

com capacidade e já com consequências materiais visíveis, de mudança na nossa maneira de viver, mudança na nossa maneira de produzir, expectativas novas na área de saúde, expectativas novas de formas. Nós estamos aqui reunidos, em uma live, que nenhum de nós gostaria de fazer três ou quatro anos atrás, preferiríamos todos estar sentados compartilhando a mesma mesa fisicamente para fazer isso. Hoje não. Um desses fatos que provocou tantas mudanças, para usar a palavra que está na moda, disruptivo, a pandemia, ela nos fez dar um salto de alguns anos em recursos tecnológicos que, provavelmente, não estavam previstos para estar disponíveis agora. Esse momento que a gente vive, tão complexo por algum lado, tão sensível para o outro lado, mas certamente de mudança, certamente o mundo que nós veremos em pouco tempo será diferente do que é hoje, e o de hoje já é bastante diferente do que era em dezembro do ano passado. Nós não precisamos, um curtíssimo prazo, já é bastante diferente. Ele, como todas as crises, como todas as coisas, oferece oportunidade, como todos os momentos dessa natureza, oferece oportunidade. E eu acho que o que a gente está vivendo hoje é que, talvez, esse choque de realidade, esse choque trazido por essas ondas de transformação e de mudança, nos jogou, nos obriga a sentar para conversar. Que bom. Talvez esse seja o momento e o que vai nos impulsionar adiante.

A sociedade já assumiu o benefício, o patrimônio que é o seu meio ambiente, isso já está introjetado na nossa sociedade, ninguém vai fazer aventuras nisso sem pagar um preço político ou social muito alto, principalmente político. Como a sociedade já entendeu e basta ver o noticiário de hoje, o impacto que as mudanças climáticas estão fazendo, os riscos que vêm junto com isso. E ninguém vai enfrentar esse dado verdadeiro. O que a ciência tem é que nos trazer, na medida do possível, quais são as perspectivas, quais são as soluções, quais são as formas de, se possível, prevenir que é sempre melhor que remediar, para usar o ditado antigo. E como nós vamos ter que ajustar os nossos modelos produtivos, porque eles mudaram. Vamos lá, nós convivemos com uma enorme inflação, estamos vivendo dificuldades. Enfim, graças a Deus não temos um inverno europeu por aqui, mas nos afetará de alguma maneira. Obrigado.

Ricardo Gandour. Marcelo, como é que você conecta esse momento em que surge o Soberania e Clima com a crise alimentar, energética, guerra na Europa, volta de inflação no mundo todo, crise financeira? Qual a sua leitura integral desse momento?

Marcelo Furtado. De maneira muito interessante, a comunidade climática vem discutindo o tema de eventos climáticos extremos há muito tempo. A gente tem excelentes modelos desenhados, a gente já sabia que os eventos climáticos extremos aumentariam em frequência e intensidade. As seguradoras foram as primeiras empresas do setor privado que enxergaram isso e falaram “opa, isso tem um custo econômico e de vidas enorme; nós precisamos prestar atenção nisso”. Entretanto, eu diria que foi apenas com essa recente guerra da invasão da Ucrânia pela Rússia, que ficou tão claro para a sociedade a conexão do tema soberania e clima. E por que é que eu digo isso? Porque dentro da discussão de o que é que é segurança energética e o que é segurança alimentar, as pessoas puderam perceber que a conexão entre os eventos climáticos e a necessidade de preservação de qualidade do solo, floresta, água tem um papel fundamental na produção de energia e alimentos e, por outro lado, se a gente não tiver uma leitura que leve em consideração os direitos soberanos, mas também o diálogo entre soberanias, a gente não consegue uma solução.

Talvez o melhor exemplo disso seja perceber que o preço dos alimentos e o preço da energia explodiu no mundo todo. E cada país saiu fazendo o que cada país achava que era a melhor solução para o seu país. Ao fazer a solução que um entendia melhor para o seu país, sem um diálogo de soberanias de como é que isso impacta o todo, o resultado foi que as ações além de ineficientes, só ampliaram a crise financeira. E ao ampliar a crise financeira — com aumento dos preços da energia e dos alimentos, você tem uma questão de equidade onde aqueles que têm menos recursos, aqueles países que são mais pobres, aquelas comunidades que têm maior dificuldade de acesso, ficaram ainda mais excluídas. Então a gente acabou tendo um efeito ruim para o meio ambiente, ruim para a equidade e ruim para a soberania. O que nos obriga a, com o encontro da discussão climática e soberania, a gente olhar para isso com uma visão sistêmica e dizer como é que a gente consegue equacionar isso?

Como bem lembrado aqui, um país como o Brasil, que é um grande produtor de alimentos e que não precisa desmatar para aumentar a sua capacidade produtiva, o que precisa fazer é usar melhor recursos tecnológicos, usar melhor e com mais sustentabilidade o seu solo, recuperar áreas degradadas e o contrário, formar mais florestas, porque as florestas têm um papel fundamental na

produção alimentar, seja no regime agroflorestal, ou seja no regime de produção de clima e água. Então eu acho que está colocado hoje e não voltará atrás é a plena noção da sociedade de que os temas de soberania e clima estão absolutamente integrados.

E eu concluiria lembrando das escutas todas que foram feitas aqui: esse diálogo, para ele ter consequência, para ele se tornar ações que o Estado nacional e que o conjunto de soberanias, em diálogo tomam, ele tem que no final das contas, servir a sociedade. E ao servir a sociedade, ele tem que levar em consideração que nós temos um planeta e um país desigual, que a gente precisa lidar com isso. E para lidar com isso, a gente precisa do espaço democrático, como bem lembrado pelo Ministro Jungmann. Então todas essas convergências fazem com que, dentro do Soberania e Clima, a gente tenha um elemento muito importante constitucional, que é o mesmo que, eu diria, eu usei quando tive o privilégio de ser também um dos cofundadores da Coalização Brasil, Clima, Florestas e Agricultura, que juntava a comunidade que trabalha com a questão climática, com a comunidade do agronegócio brasileiro, de criar vínculos de confiança.

A criação de vínculos de confiança é o que faz a diferença. *Bons papers* não serão nunca suficientes para estabelecer esses vínculos. Isso é feito pelos seres humanos que ocupam esse nosso centro. Os seres humanos que apoiam o centro. Os seres humanos que participam dos nossos eventos. Os seres humanos que compartilham a nossa informação com outros. Então eu termino fazendo um convite a todos que estão nos ouvindo, que leram as notícias, acharam interessante ou se sentiram até incomodados com essa ideia, que cheguem mais perto, se aproximem, conheçam a gente mais de perto. Deem sugestões, contribuam com ideias, tragam suas provocações. Mas, fundamentalmente, considerem sair da sua zona de conforto, sair da sua bolha e tentar enxergar esse Brasil melhor e mais justo e mais sustentável, a partir da conversa daqueles que pensam o que é melhor para o país, mas nem sempre estiveram conversando juntos. Muito obrigado.

Ricardo Gandour. Para fechar esse bloco, eu pergunto para a Ana Toni. Com a visão e com os projetos nos quais você já participou, o Brasil tem a chance de dar o exemplo para o mundo? De liderar esse debate?

Ana Toni. O Brasil assim, no tema climático sempre liderou muito. Vamos lembrar que a convenção de clima nasceu no Rio de Janeiro. Então, o Brasil já tem uma história bastante forte nesse tema. A gente sabe que tem muitos think tanks, organizações que trabalham o tema segurança e clima, em diversos países, principalmente no norte, nos Estados Unidos, na Europa, sempre com a perspectiva de segurança. Eu acho que o Brasil inova quando coloca um Centro que fala de soberania e clima, que trata sim do tema de, logicamente, segurança, que é fundamental para todos nós, mas que vai além. Que vai além, trazendo como a gente está mencionando aqui o tema de soberania, que eu acho que é muito “novidoso”.

Aproveitando a pergunta, o General Etchegoyen falou e eu concordo 100% com ele, que a população, a sociedade brasileira já entendeu que a nossa maior riqueza são os nossos recursos naturais, o nosso tamanho. Na semana passada teve uma pesquisa que o ICS também apoiou junto com o PoderData, lá no Poder360, que perguntava exatamente isso, especificamente sobre a Amazônia. Primeiro, quanto a floresta amazônica faz parte da identidade nacional, que é um componente fundamental, logicamente, para a nossa soberania. E mais de 82% da população brasileira acha que é essencial a floresta amazônica e a sua preservação para a nossa identidade. Então quando a gente não vê o que acontece com a Amazônia, é quase que as pessoas sentindo que a identidade nacional se enfraquece nesse sentido, 73% dos entrevistados pedem para que os candidatos presidenciais tenham propostas para mostrar para a população de como vão preservar a Amazônia. 73% é um número bastante grande, mostra que a sociedade brasileira quer isso. Eu acho que o Centro Soberania e Clima tem que estar sempre muito conectado, logicamente, com o Estado brasileiro e, principalmente, também com a sociedade brasileira, dos quais são esses desejos. E acho que, nesse sentido sim, a gente traz uma coisa que é muito única, que é olhar para a sociedade, entender o que ela quer, a sua relação com a soberania e ligar isso com o tema de clima.

Ricardo Gandour. Passamos para o bloco final. Considerações finais. Começo pelo Ministro Raul Jungmann com uma pergunta do Israel Zilberman: o Centro Soberania e Clima pretende oferecer aos candidatos a presidente, propostas para os seus respectivos programas de governo?

Raul Jungmann. É nossa ambição oferecer para os candidatos, mas é também nossa ambição oferecer ao Congresso Nacional, aos formuladores de políticas públicas, ao executivo e obviamente à sociedade brasileira. No limite das nossas capacidades, no limite da nossa influência e com os parceiros que nós temos, como aqui já foi destacado. Nós contamos com parcerias hoje, por exemplo, como o IREE, de onde nós fomos incubados. Nós temos parceria com o Instituto de Clima e Sociedade da Ana Toni, que é fundamental para a nossa constituição e até o presente. Nós temos uma parceria com o *National Endowment for Democracy*. Estamos estruturando uma parceria com o *Kings College*, de Londres, com a Universidade de Lyon. E temos buscado parcerias, também, com instituições militares, a exemplo da Escola Superior de Guerra, a exemplo do Instituto Meira Mattos da Escola de Comando do Estado-Maior do Exército, com os quais, inclusive, nós já desenvolvemos diversas parcerias. Em nosso website poderão ser encontradas todas as nossas produções. E a nossa ambição é essencialmente essa, poder levar ao conhecimento de todos aqueles que sejam *policymakers*, sejam membros da sociedade, do congresso e, obviamente, nós estamos falando de uma campanha presidencial, e não apenas aqueles que são candidatos a presidente, mas candidatos ao governo, ao congresso e etc, juntamente com outras instituições que nós temos parcerias, a nossa contribuição. Porque, e aí encerrando o que eu tenho a dizer, não há no nosso entender, saída para essa grande encruzilhada que nós estamos vivendo, que é a crise climática, sem um diálogo com a soberania, sem a participação do Estado. E sem que isso se dê, o caminho rumo ao desenvolvimento sustentável, de uma sociedade de baixo carbono, de uma sociedade que respeite e conviva com a natureza, e sobretudo, tenha o devido e o necessário respeito pelas futuras, as presentes, mas futuras gerações, não há possibilidade, não há caminho. Essa é a nossa ambição. Esse é o nosso propósito e contamos com todos aqueles que queiram juntamente conosco levar adiante essa caminhada.

Ricardo Gandour. Marcelo, seu minuto final.

Marcelo Furtado. Para ser bem sintético eu vou repetir as palavras que nos motivam, ouvir, entender, respeitar, convergir, impactar. A gente só consegue fazer isso com a ajuda de grandes amigos e novos amigos. Nesse um ano de esquentar que a gente fez para chegar aqui hoje, os nomes mais importantes da academia brasileira na área climática, nas organizações socioambientais, estiveram presentes nos nossos eventos, brindaram com o nosso debate com os seus conhecimentos e a sua experiência. E eu queria nesse último minuto agradecer a todo este legado e assim como convidar os novos amigos para o futuro. E ao fazer isso, reconhecer que a gente não poderia estar aqui sem o apoio dos nossos doadores, tão importantes para permitir que essa iniciativa aconteça. Então um grande agradecimento a todos que nos ajudaram a chegar aqui hoje. E um grande convite a expandir e ampliar esse impacto agora.

Ricardo Gandour. Ana Toni, seu minuto final, por favor.

Ana Toni. Meu minuto final é para agradecer a todos pelo convite, foi muito bom estar novamente aqui com vocês. O Instituto Clima e Sociedade é uma organização que se coloca para ajudar a promover a qualificação do debate sobre clima, para fortalecer o campo e eu não tenho nenhuma dúvida que o Centro Soberania e Clima já faz isso, vai fazer senão ainda melhor. E especialmente convidar, lógico, saindo da minha zona de conforto, convidar membros das Forças Armadas para se juntar à gente, nós precisamos do conhecimento, da experiência, do *know-how* que vocês já têm, que a gente desconhece, para juntar forças, então seria muito bom ter ainda mais diálogo com os parceiros tanto do clima, junto com os parceiros das Forças Armadas.

Ricardo Gandour. General Sergio Etchegoyen, para fechar esse nosso evento de lançamento oficial aqui do Centro Soberania e Clima, suas palavras finais, por favor.

Sergio Etchegoyen. Bom, antes de mais nada, um enorme agradecimento a todos que nos acompanharam. Eu tenho convicção de que esse é um assunto que exige que conversemos, não necessariamente que concordemos 100%, como disse a doutora Ana Toni, mas que conversemos. Nós, quando a gente trata de questões dessa dimensão, como soberania e como clima, e tenta induzir ou propor soluções e caminhos, nós estamos apoiando, apontando para as próximas gerações. É um exercício de generosidade, porque é pouco provável que nós colhamos, que a minha geração colha os resultados do que a gente está buscando. Mas a gente aposta nas próximas gerações. Eu acho que, apesar da dureza com que nos julgamos, nós, os brasileiros, e julgamos o nosso país,

nós avançamos muito em muita coisa. Consolidamos muito em muitos campos. Muito, muito. Temos hoje um país bem melhor do que alguns discursos, ou do que alguns alarmistas acham. E nos falta ainda mais consistência nesse diálogo, mas consistência nessas convergências, para que identifiquemos quantos aspectos comuns e que o caminho será muito, muito coincidente em boa parte dele, na busca das soluções para o que a gente está tentando.

Como eu disse ao começo, é uma aventura, uma aventura maravilhosa, que tem um bom desafio. O primeiro desafio, repetindo as palavras do Marcelo, é sair das zonas de conforto. O primeiro desafio é vencer, algumas vezes, as divergências dentro das nossas comunidades mesmo, por que, para que. E eu acho que a gente está colocando nisso é o patrimônio mais importante que cada um de nós tem, que é o nosso *background*. A caminhada que cada um de nós fizemos, a credibilidade que tenhamos reunido, da maneira mais generosa e mirando, apontando muito, muito na frente, para as gerações que vão nos suceder. É um objetivo extremamente ambicioso. Mas, sem objetivos ambiciosos, a gente não vai chegar a lugar nenhum. Eu costumo marcar meus objetivos muito além do que eu posso alcançar. E às vezes eu me surpreendo que dá para chegar lá. Muito obrigado a todos. As dificuldades somos nós que fazemos, as facilidades seremos nós que encontraremos. Depende de nós, não vai depender de ficar culpando, reclamando, outros países, outras nações, outros pensadores, se nós não nos sentarmos para conversar. Muito obrigado a todos. ■